



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

Jejum da injustiça

Sexta-feira, 20 de Fevereiro de 2015

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 9 de 26 de Fevereiro de 2015

«Usar Deus para cobrir a injustiça é um pecado gravíssimo», foi a severa admoestação pronunciada pelo Papa Francisco contra as iniquidades sociais, sobretudo as que são provocadas pelos que exploram os trabalhadores. O Pontífice reflectiu sobre a oração com a qual no início do rito foi elevado ao Senhor o pedido de «nos acompanhar neste caminho quaresmal, para que a observância exterior corresponda a uma renovação profunda do espírito». Ou seja, para que «o que fazemos exteriormente tenha uma correspondência, dê frutos no Espírito: em síntese, «que aquela observância exterior não seja uma formalidade».

Para tornar mais concreta a sua reflexão, Francisco citou o exemplo de quem pratica o jejum quaresmal pensando: «Hoje é sexta-feira, não se pode comer carne, comerei um bom prato de marisco, um bom banquete... Eu observo... não como carne». Mas assim — disse logo a seguir — «peças de gula». De resto, é precisamente «esta a distinção entre o formal e o real» de que fala a primeira leitura litúrgica, tirada do livro do profeta Isaías (58, 1-9a). No trecho as «pessoas lamentam-se porque o Senhor não ouvia os seus jejuns». Por seu lado o Senhor reprova o povo, com as palavras que o Pontífice resumiu do seguinte modo: «No dia do vosso jejum, vós ocupais-vos dos vossos negócios, oprimis os vossos operários. Jejuais entre litígios e contendas e dando punhos iníquos». Por isso «este não é jejum, não comer a carne mas depois fazer todas estas coisas: zangar-se, explorar os operários» e assim por diante.

Também Jesus, acrescentou Francisco, «condenou esta proposta da piedade nos fariseus, nos doutores da lei: fazer muitas observâncias exteriores, mas sem a verdade do coração». Com efeito, o Senhor diz: «Não jejueis como fazeis hoje, mudai o vosso coração. E qual é o jejum que eu quero? Desatar as correntes iníquas, eliminar os vínculos do jugo, mandar os oprimidos em liberdade, dividir o pão com o faminto, introduzir em casa os miseráveis, os desabrigados, vestir um necessitado sem descuidar os teus parentes, fazendo justiça». Isto, esclareceu o Papa, «é o jejum verdadeiro, que não é apenas exterior, uma observância exterior, mas um jejum que vem do coração».

Sucessivamente o Pontífice observou que «as tábuas» contêm «a lei em relação a Deus e ao próximo», e que ambas caminham juntas. «Eu não posso dizer: cumpro os primeiros três mandamentos... e os outros mais ou menos. Não, estão juntos: o amor a Deus e o amor ao próximo são uma unidade e se queres fazer penitência, real e não formal, deves fazê-la diante de Deus e também do irmão, com o próximo». É suficiente pensar no que disse o apóstolo Tiago: «Podes até ter muita fé, mas a fé sem obras está morta; para que serve?»

O mesmo é válido para «a minha vida cristã» comentou Francisco. E a quem procura ter a consciência limpa garantindo: «Eu sou um grande católico, padre, gosto muito... Vou sempre à missa, todos os domingos, recebo a comunhão...» o Papa respondeu: «Está bem. E como é a relação com os teus empregados? Dás-lhes os contributos? Recebem um salário justo? Depositam a contribuição para a reforma? Para garantir a saúde e a assistência social?». Infelizmente muitos «homens e mulheres têm fé, mas dividem as tábuas da lei. Não se podem fazer «ofertas à Igreja à custa da injustiça» perpetrada em relação dos próprios empregados. E é precisamente isto que o profeta Isaías faz compreender: «Não é um bom cristão o que não é justo com as pessoas que dependem dele». E também não o é «aquele que não se despoja de algo que lhe é necessário para o dar a outro necessitado».

Portanto, «o caminho da Quaresma é duplo: a Deus e ao próximo». E deve ser «real, não meramente formal». Francisco reafirmou que não se trata só «de não comer carne à sexta-feira», ou seja, «de fazer alguma coisita» e depois deixar «crescer o egoísmo, a exploração do próximo, a ignorância dos pobres». É preciso dar um salto de qualidade, pensando sobretudo em quem tem menos. O Pontífice explicou-o dirigindo-se idealmente a cada fiel: «Como estás de saúde tu que és um bom cristão?» — «Graças a Deus, bem; mas também quando preciso vou imediatamente ao hospital e dado que sou sócio de uma segurança social, visitam-me imediatamente e dão-me os remédios necessários» — «É uma coisa boa, agradece ao Senhor». Mas pensastes nos que não têm esta relação social com o hospital e quando chegam devem esperar seis, sete, oito horas?». Não é um exagero, disse Francisco, revelando que ouviu uma experiência do género de uma mulher que nos dias passados esperou oito horas para uma consulta urgente.

O pensamento do Papa dirigiu-se para todas as pessoas que aqui em Roma vivem assim:

«crianças e idosos que não têm a possibilidade de ser consultados por um médico». E «a Quaresma serve» precisamente «para pensar nelas»; e para reflectir no modo como as ajudar. Em conclusão o Papa dirigiu uma oração ao Senhor para que acompanhe «o nosso caminho quaresmal» fazendo com que «a observância exterior corresponda a uma profunda renovação do Espírito».